

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημαίνεται ὅτι ἡ ἀπόφασις τῆς ἐπιτροπῆς
ἐπισημαίνεται ὅτι ἡ ἀπόφασις τῆς ἐπιτροπῆς
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

TRADIÇÕES LOCAIS E RECEPÇÃO BÍBLICA NA LITERATURA PORTUGUESA DE VIAGENS DO SÉCULO XVI

PEDRO MARQUES

UnIARQ, FLUL / FCT
pmcmarques@hotmail.com

Resumo

Os viajantes portugueses do século XVI apresentam-nos nos seus relatos de viagens variadas referências ao livro do Génesis. Perante a grande quantidade e qualidade de autores, escolhemos as obras de Mestre Afonso e Frei Pantaleão de Aveiro. Os aspectos do livro do Génesis aos quais nos cingimos constituíram a Criação, Adão e Eva em Hebron, Caim e Abel. Mestre Afonso e Frei Pantaleão transmitem-nos maioritariamente tradições locais.

Palavras-chave: Génesis; literatura portuguesa de viagens; próximo Oriente

Abstract

The Portuguese travelers of the XVI century show us varied references to the book of Genesis in their travel descriptions. Given the large quantity and quality of authors, we chose the works of Mestre Afonso and Frei Pantaleão de Aveiro. The aspects of the book of Genesis that we analyzed are the Creation, Adam and Eve in Hebron, Cain and Abel. Mestre Afonso and Frei Pantaleão transmit mostly local traditions.

Keywords: Genesis; travel portuguese literature; Middle East

A literatura portuguesa de viagens é vasta e apresenta características díspares. Os itinerários do Próximo Oriente contam com vários e muito interessantes relatos⁽¹⁾. Neste artigo, cingimo-nos às alusões a alguns aspectos do livro do Génesis, nomeadamente à Criação, a Adão e Eva em Hebron e a Caim e Abel, em dois autores do século XVI: Mestre Afonso, que efectuou uma viagem terrestre da Índia a Portugal, e Frei Pantaleão de Aveiro, que realizou uma viagem à Terra Santa.

O tema da criação em Mestre Afonso é indirecto e resulta, em nossa opinião, de uma alegoria de Deus como criador do mundo. Frei Pantaleão revela-nos a existência de uma tradição local, que colocava na região de Hebron a origem do barro utilizado por Deus para modelar Adão. O primordial casal Adão e Eva em Hebron constitui outra tradição local transmitida por Frei Pantaleão. Do mesmo modo, o capítulo Caim e Abel resulta de tradições locais transmitidas por este frade e por Mestre Afonso.

1. A criação

O acto bíblico de criação foi referido em dois viajantes, Mestre Afonso⁽²⁾ e Frei Pantaleão de Aveiro⁽³⁾.

Mestre Afonso ao narrar a sua passagem pela região montanhosa da Arménia, descreveu o seguinte: «... e proseguimdo a subida do monte gastamos nisso huã grande hora, por ser muy alto domde nom vy mais quamto podia alcamsar coa vista que imfinidade de montes e serras muy altas e imgremes para todas as partes, bramquejamdo co a gram camtidade de neve de que estavão cubertas, e çerto que a muita camtidade e altura das serras e montes que haa por esta armenia alta, he cousa imcriuel, e muy differemte de velo a lelo escrito, que parece que quis aqui nosso Senhor ajuntar todas as do mundo»⁽⁴⁾.

As montanhas da Arménia evidenciavam-se ao viajante português pela sua altura e quantidade. Ele afirmou, sem criticar, que Deus juntou naquele local muitas montanhas. Este facto revela que Mestre Afonso conhecia minimamente a *Bíblia* e estava imbuído da visão religiosa da criação do mundo, que era a concepção vigente na época em que viveu.

A criação da terra ocorre em Génesis 1, 9-13. Nesta passagem, afirma-se apenas que Deus, no terceiro dia, juntou as águas num local, colocando a terra à vista. Neste acto, verificamos o estabelecimento dos parâmetros básicos da existência humana no espaço. O homem possui

um lugar à sua disposição para viver. Não há criação propriamente dita, mas organização do existente⁽⁵⁾. No livro do Génesis não é referido que Deus designou os lugares das montanhas. No entanto, podemos considerar a existência de uma alegoria, em que tendo sido Deus o criador de tudo, teria sido ele a fazer nascer as montanhas nos sítios onde elas se encontravam. Deste modo, Mestre Afonso poderia estar a pensar nesta alegoria.

Frei Pantaleão de Aveiro refere o acto de criação do primeiro homem no capítulo LIX. O título deste capítulo é: «Da cidade hebrõ, & do capo Damasceno, onde dizem que foy criado nosso pay Adã, & da sepultura dos SS. Patriarchas»⁽⁶⁾. No texto do capítulo expõe: «Quasi hum tiro darco da sepultura dos sanctos patriarchas para o Ponente, nos mostrão o Campo Damasceno no qual affirmão, que foy criado nosso padre Adam pello senhor Deos, a sua imagem & semelhaça do limo da terra, & a huma parte deste câpo está huma coua, da qual tiram terra, que dizem ser da mesma, de que foy criado Adam, affirmãdo aproueitar para muitas cousas: a qual he de cor encarnada a modo de barro, branda & apegadiça & tratase como cera.»⁽⁷⁾

Frei Pantaleão transmitiu uma notícia, baseada numa informação local, que colocava em Hebron, num local chamado Campo Damasceno, o lugar onde Deus encontrou o barro para modelar Adão e onde procedeu ao seu trabalho de oleiro. No Génesis não existe nenhuma referência a um sítio específico, indica-se apenas «barro da terra» (Gn 1, 26-27; 2, 7). Deste modo, consideramos a possibilidade da apropriação da história bíblica a um lugar específico provavelmente com o objectivo de enobrecer as características da terra.

Hebron era uma das cidades mais antigas da região. Segundo o livro dos Números (Nm 13, 22), Hebron tinha sido fundada sete anos antes da cidade egípcia de Tânis, no Delta Oriental, o que teria ocorrido por volta do ano de 1720 a. C. Esta informação é confirmada pela descoberta na gruta da sepultura dos três primeiros patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, de níveis arqueológicos de ocupação humana que remontam ao período do Bronze Médio II e cuja cronologia se situa entre 2000 e 1550 a. C.⁽⁸⁾ Presumivelmente, quem iniciou a história da terra do Campo Damasceno teria conhecimento que as origens de Hebron seriam anteriores a Abraão e por isso havia remetido essa antiguidade para a própria criação. Esta apropriação e consequente tradição local poderiam ainda relacionar-se com a boa qualidade da própria terra.

A presença de terra na criação do homem enfatiza a relação entre os dois. O homem foi criado da terra, o seu trabalho é cultivá-la e ao morrer irá regressar a ela (Gn 2,5-8 . 15; 3,19 . 23). Contudo, o homem não era apenas terra e Deus soprou-lhe a vida, concedendo-lhe um elemento divino (Gn 7). O uso do barro e de um elemento divino para criar o homem aparece em relatos mitológicos de outras civilizações pré-clássicas. Na *Epopéia de Gilgamesh*, a deusa Aruru criou Enkidu a partir do barro. No *Atramhasis*, os homens foram criados por barro e sangue dos deuses. No Génesis, o sangue dos deuses foi substituído pelo sopro da vida. O sopro da vida surge ainda em representações egípcias desde o Império Antigo. Nestas imagens os deuses parecem soprar para o nariz do rei, concedendo-lhes a vida (*ankh*)⁽⁹⁾.

A referência do viajante português ao facto de Deus ter criado o homem à sua imagem e semelhança consiste numa alusão directa a Gn 1,26-27, onde se pode ler «Deus disse ainda: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança. [...] Deus criou então o ser humano à sua imagem; criou-o como verdadeira imagem de Deus. E este ser humano criado por Deus é o homem e a mulher.”» (Gn 1,26-27).

2. Adão e Eva em Hebron

O livro do Génesis refere que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso (Gn 3,23). Não existe nenhuma alusão a um lugar específico. Contudo, Frei Pantaleão de Aveiro descreveu algo diferente: «Dous grandes tiros darco para o Ponente, está huma lapa de trinta pés em comprido, & outros tantos de largo, na qual dizem, que estiueraõ muitos annos metidos nossos padres Adam, & Eua fazendo penitência de seus pecados: & estão ali dous leitos de pedra onde dormião, & junto a lapa está huma fonte, de que bebião. Como crer, ou duuidar isto não repugna a nossa sancta fé Catholica, escreuo o que vi, & a opinião que os daquella terra dos dittos lugares tem, cada hum crea, o que lhe parecer bem.»⁽¹⁰⁾.

Frei Pantaleão encontrava-se em Hebron e um dos sítios que visitou foi uma lapa, uma gruta, que uma tradição local atribuía a Adão e Eva. Segundo essa tradição, o primeiro casal, depois de ter cometido o pecado e de ter sido expulso do Paraíso, teria habitado aquela gruta, com o objectivo de se penitenciar do mal que tinha feito. A gruta teria algumas condições de habitabilidade, designadamente duas camas de pedra e uma

fonte de água. A atitude de Frei Pantaleão perante estas informações foi de neutralidade. O frade português não criticou, mas também não aceitou e concedeu liberdade de opinião aos seus leitores. Esta atitude justificou com a fonte que utilizou e que consistia na fé católica, baseada na *Bíblia*.

A lapa localizava-se perto da gruta onde, de acordo com a tradição, haviam sido sepultados os três primeiros patriarcas, Abraão, Isaac e Jacob, com as respectivas mulheres. Deste modo, podemos estar perante uma tentativa de apropriação do local de residência dos antepassados de todos os homens, do primeiro casal humano, com o objectivo de engrandecer a importância da cidade. Por outro lado, a referência ao primeiro casal naquele sítio poderá relacionar-se com o facto de Hebron ser uma das cidades mais antigas da região, como já antes referimos.

3. Caim e Abel

Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel (Gn 4,1-16). Na passagem bíblica ocorreu o assassinato de Abel pelo seu irmão Caim (Gn 4,8). Os nossos viajantes referiram este assassinato e localizaram-no geograficamente.

Frei Pantaleão de Aveiro afirmou: «no que diz homicida Damascus, se há de entender que chama a cidade de Damasco homicida, porque segundo o que se tem naquellas partes, muy junto della o desauenturado Caim, matou ao inocentissimo Abel seu irmão, como diz o glorioso doutor S. Hieronymo sobre Ezechiel, no qual lugar tem os Turcos & Mouros huma muy curiosa capela outauada, tê o tempo presente.»⁽¹¹⁾ Mais à frente acrescentou: «Perto do Campo Damasceno nos mostrarão hum lugar, no qual dizem, que Caim matou a seu irmão Abel: eu tenho isto por opinião do pouo, porque achando-me na cidade de Damasco, como a diante direy, me mostrarão hum lugar alto, huma legua da cidade, no qual ludeus e Mouros affirmão ser ali feito aquelle cruel fratricídio: & tem ali os Mouros huma mesquita»⁽¹²⁾. E noutro local disse ainda: «Estiuemos oito ou noue dias na cidade de Damasco [...], nos partimos hum dia pola menhã da cidade, & duas milhas della chegamos ao lugar, õde os da terra affirmão, que Caim matou a seu irmão Abel, no qual os mouros tem huma misquita pequena, mas sobre maneira curiosa, outauada, & cõ muitos brincos, que mais parece hum rico farol, que misquita, olhado bem sua curiosidade»⁽¹³⁾. Mestre Afonso escreveu: «... de Damasco, situada em

xxxiiij graos e meo, seis jornadas de Jerusalem, em terra cham, para a parte do oriemte, primcipiada e começada por *eleázar*, seruo de *abrahão*, no mesmo lugar homde caim matou ser irmão abel na terra sancta, por homde vão os peregrinos e romeiros que vão de *halepe* a *jerusalem*.»⁽¹⁴⁾.

A primeira referência de Frei Pantaleão consistiu na explicação do que o frade leu na epígrafe que marcava a sepultura do rei cristão franco Balduíno I (1058-1118). Balduíno foi um dos líderes da primeira cruzada, que ocorreu entre 1096 e 1099 e culminou com a conquista de Jerusalém neste último ano, e foi o segundo monarca do Reino Latino de Jerusalém, que subsistiu entre 1099 e 1291. Foi ainda conde de Edessa, um dos estados latinos do Oriente, com capital em Edessa, actual Urfa, entre 1098 e 1100. Na segunda referência, Frei Pantaleão encontrava-se em Hebron e referiu uma tradição local que colocava nos arredores desta cidade o fratricídio. O frade português revelou nesta passagem uma atitude crítica. Considerou a tradição como simples opinião do povo, portanto sem fundamento legítimo, porque existia outra tradição local que localizava em Damasco o homicídio. O viajante parece aceitar esta tradição, que tinha como transmissores judeus e muçulmanos. Estes últimos teriam inclusivamente construído no local do assassinato uma mesquita, que o português pôde observar quando esteve em Damasco, como se pode ler na terceira referência. As informações de Frei Pantaleão revelam-nos tradições locais, que pretendiam situar nas suas cidades, nos seus territórios acontecimentos importantes da história humana dos primórdios. A história de Caim e Abel surge na Tora judaica e no Alcorão muçulmano, pelo que era importante para estas duas religiões⁽¹⁵⁾. Mestre Afonso situou igualmente o assassinato em Damasco, referiu Abraão e apresentou informações úteis aos viajantes, referindo a distância e localização relativamente a Jerusalém e comunicando que era um local de passagem dos trajectos de peregrinação e de viagem que ligavam Alepo a Jerusalém.

Na *Bíblia* não é referida nenhuma localidade em específico. Trata-se de «o campo» (Gn 4,8), que é uma referência geograficamente abstracta. As fontes de Frei Pantaleão, e possivelmente de Mestre Afonso, eram tradições locais, que terão pretendido apropriar-se da história dos dois primeiros irmãos.

A história de Damasco remonta ao Neolítico. Foram identificados níveis arqueológicos em Tell Ramad, nos arredores de Damasco, que remontam ao ano 6000 a. C. Damasco é mencionada em textos egípcios

do século XIX a. C. Teria sido conquistada e submetida pelo faraó Tutmés III (1479-1425 a. C.). Segundo a *Bíblia*, Damasco teve quer relações amigáveis quer de conflito armado com o rei David (2Sm 8,5-6), que se situou cronologicamente por volta do ano 1000 a. C. Damasco foi ainda a capital de um reino aramaico da Síria, nos séculos VIII-VI a. C. Situada num oásis bem irrigado e fértil, às portas do deserto sírio, tinha uma importância estratégica relacionada com as rotas de caravanas. Entre estas, existia a *Via Maris* que ligava o Egipto, o Mediterrâneo e a Mesopotâmia e a *Via Real* que ligava o Norte da Síria com a Arábia e o mar Vermelho⁽¹⁶⁾. A importância estratégica de Damasco mantinha-se na época dos nossos viajantes e não passou despercebida a Mestre Afonso.

Na passagem de Mestre Afonso, foi mencionado Eliézer como fundador da cidade de Damasco. Frei Pantaleão apresentou uma ideia relativamente semelhante: «Segundo a opinião de muitos, a cidade de Damasco, foy principiada por hum homem chamado do mesmo nome, filho de Eliezer procurador e mordomo do patriarcha Abrahã como lemos no liuro do Genesis.»⁽¹⁷⁾ Neste passo, o frade transmitiu uma tradição que atribuía a um homem chamado Damasco, filho de Eliézer, a fundação da cidade. Consideramos que esta concepção poderia ter como origem uma interpretação de Génesis 15,2-3. Como se pode ler no texto bíblico, Eliézer era um criado de Abraão, oriundo de Damasco, que no caso de o patriarca morrer sem descendência seria o seu herdeiro. Frei Pantaleão indicou que Eliézer era procurador e mordomo, o que se deve certamente ao facto de ele poder tornar-se no herdeiro do patriarca. Na *Bíblia* apenas se afirmou que ele era de Damasco, mas não se indicou que teria sido ele o fundador ou o pai do fundador desta cidade (Gn 15,2). Supomos a existência de uma tradição local, com base na passagem bíblica, que teria pretendido relacionar uma figura importante na história do primeiro patriarca à fundação da cidade de Damasco. Se em Mestre Afonso, Eliézer seria o fundador, em Frei Pantaleão, Eliézer seria o pai do fundador, cujo antónimo teria dado origem ao topónimo.

4. Palavras finais

As obras da literatura portuguesa de viagens que escolhemos apresentam-nos muitas e variadas informações acerca das regiões por onde os viajantes portugueses andaram. Alguns desses dados revelam-

-nos a história, o passado, assim como narrativas locais, que amiúde se relacionam com informações transmitidas pelos textos religiosos (*Tora, Bíblia e Alcorão*).

A maioria das alusões bíblicas que estudámos resultou precisamente de tradições, narrativas locais judaicas ou islâmicas, que os viajantes portugueses transmitiram com alguma neutralidade. Apenas na questão de Caim e Abel, Frei Pantaleão revelou uma atitude crítica, optando por Damasco. Esta opção teve como alicerces as próprias fontes de transmissão e a credibilidade que o frade lhes atribuiu.

Notas

⁽¹⁾ CARREIRA, 1997: 174-177; MARQUES, 2004: 327-354.

⁽²⁾ Mestre Afonso foi cirurgião-mor do vice-rei da Índia, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, e do governador João Mendonça. Acerca da sua viagem, temos conhecimento que partiu de Cochim por mar no dia 6 de Fevereiro de 1565, mas devido aos contratempos a nau regressou a Ormuz a 26 de Maio, iniciando a sua viagem terrestre «por eu fazer a minha curiosidade, que foi sempre mais de saber nouidades e cousas do mundo» [BAIÃO, 1923: 136]. Chegou a Lisboa a 31 de Agosto de 1566.

⁽³⁾ Frei Pantaleão de Aveiro nasceu em Aveiro em 1520. Desconhecemos a data e o local da sua morte. Pertencia à Ordem de São Francisco e desempenhou a sua função no Algarve. Estava em Roma em 1561, ano em que terá partido para a sua viagem à Terra Santa. A cronologia desta viagem tem sido debatida. Contudo, aceitamos os anos de 1561 a 1564. A sua obra foi publicada em 1593 (CARREIRA, 1998: 199-207).

⁽⁴⁾ BAIÃO, 1923: 212-213.

⁽⁵⁾ WENHAM, 1987: 20-21.

⁽⁶⁾ AVEIRO, 1593: 169.

⁽⁷⁾ AVEIRO, 1593: 169. 1-170.

⁽⁸⁾ CARVALHO & *alii*, trads., 1996: 152, nota j; CARREIRA, coord., 1996: 18, 28-29, 235-236, 298; MCKENZIE, 1984: 408-410; V. V. A. A., 1970: 138, 143, 302.

⁽⁹⁾ ACÚRCIO, 2001: 73-74; CARREIRA, 1985: 56-84; CARREIRA, coord., 1996: 308-311; WENHAM, 1987: 53, 59-61.

⁽¹⁰⁾ AVEIRO, 1593: 170. 1.

⁽¹¹⁾ AVEIRO, 1593: 58. 1.

⁽¹²⁾ AVEIRO, 1593, p. 170. 1.

⁽¹³⁾ AVEIRO, 1593, p. 240.

⁽¹⁴⁾ BAIÃO, 1923, p. 267.

⁽¹⁵⁾ HAYEK, 1994: 363-367; MECHON MAMRE, 2002: 4. 1-4. 17.

⁽¹⁶⁾ CARREIRA, coord., 1996: 26-27, 30-31, 40-41, 218; MCKENZIE, 1984: 209-210.

⁽¹⁷⁾ AVEIRO, 1593: 236. 1.

Bibliografia

Fontes

- AVEIRO, Frei Pantalhão de (1593) – *Itinerário da Terra Sancta, e suas Particularidades, Composto por Frey Pantalião daveiro*. Lisboa: Simão Lopez.
- BAIÃO, António, ed. lit. (1923) – *Itinerários da Índia a Portugal por terra. I. Itinerário de António Tenreiro, sexta edição, conforme a segunda, de 1565. II. Itinerário de Mestre Afonso, reedição conforme o manuscrito da Torre do Tombo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- CARVALHO, João Soares; FERREIRA, Teófilo; JÚNIOR, António Pinto Ribeiro; NEVES, Joaquim Carreira das; RAMOS, José Augusto; TAVARES, António Augusto, trads. (1996) – *Bíblia Sagrada em Português corrente. A Boa nova*. Lisboa: Difusora Bíblica.
- HAYEK, Samir el, trad. (1994) – *O Alcorão Sagrado*. Foz do Iguaçu: Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu.
- MECHON Mamre (2002) – *The Hebrew Bible in English according to the JPS 1917 Edition*. <http://www.mechon-mamre.org/e/et/et0.htm>, 01/10/2013, 00:07.

Estudos

- ACÚRCIO, Malgorzata Kot (2001) – Ankh. In Luís Manuel de Araújo, dir., *dicionário do Antigo Egipto*. Lisboa: Editorial Caminho, pp. 73-74.
- CARREIRA, José Nunes (1985) – *Estudos de Cultura Pré-Clássica*. Lisboa: Editorial Presença.
- CARREIRA, José Nunes (1997) – *Outra Face do Oriente. Viagens dos Portugueses no Próximo Oriente. O Próximo Oriente em Relatos de Viagem*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- CARREIRA, José Nunes (1998) – Cronologias de Viajantes: António Tenreiro e Frei Pantaleão de Aveiro. *Anais*. Lisboa. Série II. 37, pp. 193-207.
- CARREIRA, José Nunes, coord. (1996) – *Atlas Bíblico*. Mem Martins: Edições Zairol, Lda.
- KELLER, W. [s. d.] – *The Bible as History. Archaeology confirms the Book of Books*. Londres: Hodder & Stoughton.
- LOPES, óscar; SARAIVA, António José (1996) – *História da Literatura Portuguesa*. [Porto]: Porto Editora.
- MCKENZIE, John L. (1984) – *dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus.
- MARQUES, Pedro (2004) – Referências ao Livro de Daniel na Literatura Portuguesa de Viagens. In José Augusto Ramos; Luís Manuel de Araújo; António Ramos dos Santos, orgs., *Percursos do Oriente Antigo. Estudos de Homenagem ao Professor doutor José Nunes Carreira na sua Jubilação Académica*. Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 327-354.
- SIMÕES, Manuel, ed. lit. (1985) – *A Literatura de Viagens nos Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Editorial Comunicação.
- V. V. A. A. (1970) – *dictionnaire Archéologique de la Bible*. Paris: Fernand Hazan Éditeur.
- WENHAM, Gordon J. (1987) – *Word Biblical Commentary*, vol. 1 – *Genesis 1-15*. Texas: Word Books.